

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE CONVERGÊNCIA. MAIO DE 2024  
"AMOR, ÓDIO, IGNORÂNCIA. DESAFIOS NA DIREÇÃO DA CURA"

Trabalho institucional Escuela Freud – Lacan de La Plata:

Leticia Scottini. Claudio Gómez. Roberto Consolo. Sandra Alderete.  
Virginia Nucciarone. Anabella Ottaviani. Mariana Pereyra. Lucía Isasa.

"É então totalmente normal e inteligível que a investitura de alguém que está insatisfeito se volte para o médico..." O presente texto tem seu início nas considerações de Freud em seu texto "Sobre a dinâmica da transferência" e outros textos.

Portanto, consideramos a transferência como uma questão de estrutura na medida em que se falamos de uma necessidade de amor insatisfeita, se falamos de alguém que está parcialmente insatisfeito falamos da falta.

O analista retém a transferência do amor, mas... ela deve ser redirecionada para suas origens inconscientes. Não há dúvida sobre o caráter genuíno desse amor, mas esse amor não carrega nenhum traço que surja da situação atual, mas é composto inteiramente de repetições e cópias de reações infantis.

No seminário "A transferência", Lacan diz que a condição da transferência é o amor e que do que se trata é de servir-se dele. Para operar o analista se abstém e se posiciona do lugar da falta, lugar do *objeto a*. Não há intersubjetividade entre analisante e analista.

Lacan toma "O Simpósio" de Platão, onde os diferentes participantes abordam o elogio de Eros. Eles dissertam sobre o amor que é belo e bom. Quem faz a diferença é Sócrates, que toma os ensinamentos de Diótima, uma mulher sábia, que diz que Eros carece de beleza e bondade e fala sobre sua origem. Lacan considera Sócrates que diz que "...amor é amor do que falta", para propor que se a falta não tem inscrição o amor não pode acontecer.

A falta é um fato prévio. Caso contrário, não haveria significação. A significação do amor surge se alguém está em relação à falta.

Lacan, no mesmo seminário, pergunta-se em relação ao real, ao simbólico e ao imaginário, se o amor é ou não um deus, e diz "teremos

feito pelo menos esse progresso, no final, para saber com certeza que este não é um ".

Lacan propõe a metáfora do amor como saída da questão trágica do amor, trata-se de uma substituição metafórica. O analisante passa de ser amado, através da demanda de ser amado, a constituir-se em amante e desejante.

Se na análise a criação do sentido está em relação ao par significante-significado, o amor, diz lacan, é um significante pelo qual oferece uma METÁFORA como substituição. Diz que a significação do amor se produz na medida em que a função do *erômenos*, o objeto amado, passa ao lugar de *erastès*, do amante, como sujeito da falta.

Entre esses dois termos não há coincidência. O que falta a um não é o que está escondido no outro. É aí que reside todo o problema do amor, diz Lacan. No fenómeno do amor, a angústia e a discordância encontram-se a cada passo. Basta estar no assunto, com amor para estar preso nesta hiância, nesta discordância.

Lacan propõe pensar o amor no Nó e o situa no registro imaginário, ligado ao simbólico onde coloca o desejo e ao real onde escreve o gozo.

O amor, enquanto imaginário ligado ao simbólico, trata-se de "é dar o que você não tem para alguém que não quer", propõe Lacan no Seminário 17, enquanto "O que falta a um não é aquilo "que ele tem", escondido no outro", Seminário 8. Se pensarmos que na origem está a falta, podemos apostar que haja uma mudança de posição subjetiva no analisante.

Quanto ao amor enquanto imaginário, se estiver ligado ao real, o amor pode limitar o gozo aniquilador do outro e do próprio.

O afeto de ÓDIO, que afeta o real, constitui-se a partir de um corpo que sente em relação ao imaginário, enquadrado no simbólico como efeito tanático do significante. No entanto, existem diferentes tipos de ódio.

Ódio a si mesmo e ao outro quando esse ódio é destilado pela não resposta às demandas do Outro, provocando a identificação do objeto como descarte.

Mas há um outro tipo de ódio, para o qual a intervenção analítica nos desafia, que faz o sujeito descobrir que *não há relação sexual*, que não

existe completude, ou seja, que o Outro não tem todas as respostas. É um ódio propiciatório, permite ao sujeito separar-se e encontrar o seu desejo.

Lacan, no seminário *Encore*, propõe um neologismo, odioamoramento (*hainamoration*), para dizer que a análise nos incita a lembrar que não se conhece amor sem ódio. Se a mulher confunde o homem com deus, é porque ama o seu inconsciente, deus, sustenta assim o Grande Outro sem riscar e espera desse outro as respostas. Ele diz em *Encore*: "... menos odeia (*moins elle hait*)... menos é (*moins elle est*)... e como não há amor sem ódio, menos ama". Ama menos, enquanto que se o amor não se liga à falta, possibilitada pela castração, então não há possibilidade de amar.

Em uma análise, o ódio permite separar o que o amor com seu efeito idealizante tende a unificar. O odioamoramento permite que o sujeito passe da atribuição de saber ao Outro, onde o amor, amor de transferência, une o ideal e o objeto, passe a descompletar o Outro pela função propiciatória do ódio. O analista trabalha para operar a diferença máxima entre o ideal e o objeto, para que o sujeito se separe, ao não responder à demanda do analisante.

No Seminário RSI, "*Hainamoration*", expressa a contradição imaginária entre amor e ódio, é um significante que expressa no nó a rejeição do real pelo sentido. Ele diz: Não é certo que às vezes o amor não se preocupe nem um pouco - o mínimo - com o bem-estar do outro, mas é claro que só o faz até certo limite... do qual não encontrei nada melhor do que este dia que o nó borromeano pois, este limite, o representa... trata-se de postular que é o Real... A partir deste limite, o amor obstina-se".

O trabalho de análise aponta para que o real dê as suficientes voltas acima do simbólico a fim de que o amor e o ódio não se tornem compartimentos estanques, enquanto houver um imaginário capaz de flexibilizar o amor e o ódio.

IGNORÂNCIA

O sujeito consulta porque a respeito de seu sofrimento está em relação a um impossível de saber, ele não sabe por que acontece o que lhe acontece, e essa impossibilidade é real.

Ora, *o analizante deseja saber?* Voltando ao que diz respeito à situação transferencial, ama-se a quem se supõe saber. Agora, trata-se de querer saber para o analisante? Ou é sobre querer parar de sofrer? Pensamos que o desejo aponta para outra mentalidade, a que estará em relação a outros objetos e outros gozos, o que precisa do saber.

Mas com o só fato de saber sobre um padecimento ou sobre um sintoma, isso não é suficiente para obter a cura de um paciente, por isso Lacan recorre ao uso dos nós e com isso a RSI.

A partir do Seminário 22 RSI, Lacan muda a noção de Inconsciente. Ao contrário de Freud para quem a verdade se encontra no saber inconsciente, para Lacan a verdade está em relação ao real.

A verdade, nunca se pode dizê-la a não ser pela metade, *Sinthome*, P 31 e Seminário 17, capítulo 3, porque nem toda a verdade é dita. A verdade é meio dita. Há uma parte da verdade que é real e não pode ser dita. A verdade pura está do lado do real. Mas o real não tem palavras, está além das palavras.

O inconsciente é uma forma de confundir, de enredar o real.

O paciente chega à análise falado pelo Outro. Em sua tentativa de dizer uma verdade que ignora, o real fica prisioneiro do inconsciente porque o inconsciente quer dizer o real, mas fica confuso. Trabalhamos para que o paciente se desenrole do Outro, e o real dê as voltas suficientes acima do simbólico.

O sujeito poderá, elaborando os duelos, aceitando o vazio no desencontro que presentifica cada encontro com o próprio objeto, ir fazendo a passagem do lugar de amado ao lugar de amante, de *erômenos* a *erastès* diz Lacan no Seminário 8, passagem que implica o suporte de uma falta, ao ir recuperando a liberdade na capacidade de amar.

O tema que hoje nos convoca a diferentes instituições do mundo a nos reunirmos, é enquanto a prática da psicanálise em extensão está em

relação à psicanálise em intensão. A extensão propicia outro modo de laço entre analistas e entre instituições.

Em relação aos três que hoje nos reúnem, propomos pensar da intensão à extensão, ao amor situado no registro imaginário, como o que propicia o bom vínculo entre analistas e entre instituições. Feito nó ao ódio, em vez de aniquilação, pode simbolizar diferenciação e separação, motor do que desafia a ir além do Outro para criar propostas e atividades cada vez. A ignorância, o que não se sabe, o real, enquanto conduz à busca de verdades diversas, como impulsora na busca de conhecimentos e assim criação de grupos, carteis, seminários.

O agrupamento de analistas convida não o indivíduo, mas o um por um, à singularidade do dizer que funda o espaço, um *espaço outro*, lá onde para que haja extensão, como nos propõe Lacan na proposição de 9 de Outubro de 1967, é necessário poder ir além do pai ideal, além do Édipo e da segregação.

Convergencia convoca outro modo de laço entre analistas onde a diferença implica suportar a falta, garantida pela castração, o que torna viável pensar em outro modo de laço de cada sujeito em relação ao real que o atravessa para poder dar-se uma vida melhor.